



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL

CINTHIA BATISTA RODRIGUES

BEOWULF: O POEMA ÉPICO EM ANÁLISE

**Dourados
2016**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL

CINTHIA BATISTA RODRIGUES

BEOWULF: O POEMA ÉPICO EM ANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Dourados.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucilia Teodora Villela de Leitgeb Lourenço

**Dourados
2016**

R612b Rodrigues, Cinthia Batista

Beowulf: o poema épico em análise/ Cinthia Batista Rodrigues.
Dourados, MS : UEMS, 2016.

33p. ; 30cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras
Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul, 2016.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucilia Teodora Villela de Leitgeb Lorenço.

1. Teorias e reflexões sobre *Beowulf* 2. Valores éticos de
Beowulf 3. Poema I. Título.

CDD 23.ed. 869.1

CINTHIA BATISTA RODRIGUES

BEOWULF: O POEMA ÉPICO EM ANÁLISE

Este trabalho de conclusão de curso de graduação foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciada em Letras do curso de Letras Português/Inglês da Unidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Dourados.

Aprovada em: _____ de Novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. [Lucilia Teodora Villela de Leitgeb Lourenço](#)
(UEMS/Dourados)
Orientadora

Prof. Dr. Adilson Crepalde
(UEMS/Dourados)
Membro Titular

Prof^a. Dr^a. Rosana Budny
(UFGD)
Membro Titular

“Mas a verdade é só esta: tenho mais força nadando nos oceanos do que qualquer outro homem, e mais resistência em luta debaixo d’água; sou mais poderoso e audaz.”

(GALVÃO, Ary Gonzalez. *Beowulf*. São Paulo: Hucitec, 1992).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pelo dom da sabedoria, à minha amada avó Maria Batista Rodrigues e ao meu tio Juarez Batista Rodrigues, que sempre me apoiaram nesses anos da minha formação acadêmica.

Sou grata à paciência, pelo incentivo, pelo carinho, pelos puxões de orelha quando necessários e principalmente por acreditarem que eu seria capaz.

Agradeço infinitamente à minha orientadora Dolly, pelos sábados em que passamos reunidas em elaboração do nosso trabalho, pelo incentivo, pela confiança e paciência.

Aos meus familiares e amigos que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e acreditando em minha capacidade.

Aos demais professores da graduação que fizeram parte da minha vida estudantil acrescentando novos conhecimentos, sempre solícitos minha gratidão.

RESUMO

O objetivo desse estudo foi refletir sobre alguns fragmentos do poema canônico *Beowulf* traduzido para o Português, o mais antigo poema épico escrito no século VIII e parte da Literatura Anglo-Saxônica, relacionando-o com o cinema. O poema foi um experimento erudito-barroco com probabilidade de ser escrito por um sacerdote conhecedor de textos latinos e com entrelaçamento de versos da *Eneida*. O estudo foi elaborado com os seguintes pressupostos teóricos: Borges (2000), Burgess (1996), Corbett (2009), Tolkien (2015) e Galvão (1992). *Beowulf* é também um valioso documento social sobre os ideais de uma raça, uma nação. Os códigos de honra de seus cavaleiros, sua lealdade e sua ética levam a uma reflexão crítica sobre os valores morais de um guerreiro disposto a perder sua vida por um Rei de outro país.

Palavras-chave: Literatura Britânica. Literatura Anglo-Saxônica. Poema Épico. Documento Social. Nação.

ABSTRACT

This paper aims to reflect upon some fragments of the canonic poem *Beowulf* translated into Portuguese. It is the oldest epic poem written in the VIII century and it is part of Anglo-Saxon, relating with to the motion pictures literature. It's an erudit and baroque experiment with probability of have been written by a monk with knowledge of latin texts with references to "Eneida's" verses. The study was developed with the following theoretical bases: Borges (2000), Burgess (1996), Corbett (2009), Tolkien (2015) and Galvão (1992). *Beowulf* is also a valuable social document about the ideals of a race and loyalty it takes one to critical reflection about the moral values of a prince, a warrior willing to lose his own life to save another kingdom.

Pass-words: British Literature. Anglo-Saxon Literature. Epic Poem. Social Document. Nation.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01 – Beowulf, interpretado por Ray Winstone.....	15
Figura 02 – Grendel, pôster do longa metragem <i>Beowulf</i> (2007).....	16

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - TEORIAS E REFLEXÕES SOBRE BEOWULF.....	11
1.1 Abordagens Teóricas Sobre Beowulf.....	11
1.2 <i>Beowulf</i> : Paganismo X Cristianismo.....	14
1.3 A Lenda de <i>Beowulf</i>	14
CAPÍTULO II - OS VALORES ÉTICOS DE <i>BEOWULF</i> NO POEMA E A VERSÃO FÍLMICA.....	18
CAPÍTULO III - O POEMA <i>BEOWULF</i> EM ANÁLISE.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa justifica-se pela relevância histórica do poema *Beowulf*, presente nos cursos de graduação de Letras e pós-graduação, constituindo objeto de estudos na área da Literatura *Britânica*.

Beowulf, escrito provavelmente no século VIII ou IX, é poema épico mais antigo anônimo das línguas modernas da Europa. Do ponto de vista histórico, é o exemplo mais grandioso da literatura anglo-saxônica que chegou até aos nossos dias. Além dos méritos literários trata-se de um valioso documento social sobre os ideais de uma raça, uma nação.

O poema *Beowulf* foi publicado pela primeira vez em 1815. O texto tem 3182 versos e foi traduzido para muitos idiomas. A primeira tradução em língua portuguesa foi elaborada por Galvão (1992) e apresenta 3129 linhas (GALVÃO, 1992, p. 9).

O primeiro capítulo trata das reflexões teóricas desenvolvidas pelos seguintes renomados escritores e críticos literários como: Borges (2000), Burgess (1996), Corbett (2009), Galvão (1992) e Tolkien (2015). Foi elaborada uma reflexão entre o Paganismo e o Cristianismo, presentes no poema e a lenda de Beowulf.

O segundo capítulo trata dos valores éticos e morais do herói Beowulf e da versão fílmica do príncipe dos *geats*.

No terceiro momento apresentam-se as análises de alguns fragmentos da tradução de Beowulf elaborada por Galvão (1992).

CAPÍTULO I - TEORIAS E REFLEXÕES SOBRE BEOWULF

1.1 Abordagens Teóricas Sobre Beowulf

O poema *Beowulf* tem despertado ao longo dos séculos o interesse de inúmeros estudiosos, dentre os quais se destacam: Jorge Luis Borges (2000), John Ronald Reuel Tolkien (2015), John Corbett (2009), Ary Gonzalez Galvão (1992), Anthony Burgess (1996).

De acordo com Borges (2000, p. 44), o protagonista é um cavaleiro que encarna as virtudes que se apreciavam na Idade Média: a lealdade e o valor¹. O nome *Beowulf* é uma metáfora que significa “lobo das abelhas”. Trata-se de um poema extenso: possui mais de 3200 versos, todos regidos pela lei dos versos germânicos, a aliteração². A linguagem do poema é intrincada, usa constantemente hipérboles e alteração da ordem lógica da frase. Descobriu-se que ao longo do poema há o entrelaçamento de alguns versos da *Eneida*. Trata-se de um experimento erudito e barroco de um sacerdote, conhecedor dos textos latinos:

El autor há tomado una antigua leyenda germánica y hace com ella una epopeya siguiendo las normas sintácticas latinas. Gracias a esos pocos versos intercalados, vemos que el autor se há propuesto hacer una Eneida germánica. (BORGES, 2000, p.44-45).

O autor tomou uma antiga lenda e com ela faz uma epopeia seguindo as normas sintáticas latinas. Graças a esses poucos versos intercalados, vemos que o autor se propõe a fazer uma *Eneida* germânica (BORGES, 2000, p.44-45).

Anthony Burgess (1996, p. 25) descreve sobre a criação de Beowulf:

It was not composed in England, but on the continent of Europe: the new settlers brought it over along with their wives, goods, and chattles. It was not written down till the end of the ninth century. It is a stirring, warlike, violent poem of over three thousand lines, and it is perhaps difficult to think of it as being set down by a monk, a man of peace, in the quiet of a monastery. These Anglo-Saxon monks however, had the blood of warriors in them, they were the songs and grandsons of Vikings. Beowulf is essentially a warrior's story. It tells of the hero who gives his name to the poem and his struggle with a foul monster – half-devil, half-man – called Grendel, who has for a long time been raiding the banqueting-hall of King Hrothgar of Jutland (land of the Jutes) and carrying off and devouring Hrothgar's warriors. Beowulf sails from Sweden and comes to the help of Hrothgar. His fights with Grendel –and Grendel's equally horrific mother- are the subject of the poem, a poem whose colour is the grey of the northern winter, shot by the red of

¹ Entende-se por valor o código de honra seguido pelos cavaleiros suecos.

² Aliteração é a repetição de fonemas idênticos, parecidos no início do verso, visando ter efeito estilístico na prosa poética e na poesia.

blood (BURGESS, 1996, p. 25).

O poema *Beowulf* não foi composto na Inglaterra, mas no continente europeu: os novos colonos o trouxeram junto com suas esposas, bens e posses. Só foi escrito lá pelo fim do século IX. É um poema agitado, guerreiro, violento, com cerca de três mil versos, e é difícil imaginá-lo sendo escrito por um monge, um homem de paz, na tranquilidade de um monastério. Estes monges anglo-saxões, no entanto, tinham sangue de guerreiros e eram filhos e netos dos *vikings*. *Beowulf* é essencialmente a história de um guerreiro. Fala do herói que dá seu nome ao poema e de sua luta com um monstro hediondo – meio demônio, meio homem - chamado Grendel, que durante muito tempo andou atacando a sala de banquetes do rei Hrothgar da Jutlândia (terra dos justos) e sequestrando e devorando os guerreiros de Hrothgar. Seus combates com Grendel – e a igualmente horrível mãe de Grendel – são o assunto do poema, um poema cuja música severa é o ranger de dentes, o chacoalhar de ossos e cuja cor é o cinza do inverno do norte, manchado pelo vermelho do sangue (BURGESS, 1996, p. 25).

O teórico John Corbett (2009, p. 32) analisa o texto *Beowulf* desde suas origens:

The origins of the poem shrouded in mystery: it dates from some point between the mid-seventh and eleventh century AD, but we don't know exactly where it was written, or who composed it. The single surviving manuscript is almost a thousand years old, but it might have been based on Northern European stories and oral legends that were even more ancient. It is certainly related to the heroic sagas that inspired Anglo-Saxon scholar, J.R.R. Tolkien, to write *The Lord of the Rings* (CORBETT, 2009, p. 32).

As origens do poema estão envolvidas em mistério: a data é situada em algum ponto entre os meados do século VII e o século XI DC, mas não se sabe exatamente onde foi escrito, ou quem o compôs. O único manuscrito sobrevivente tem quase mil anos, mas pode ter sido baseado nas histórias europeias do norte e em lendas rurais que eram ainda mais antigas. O poema é certamente relacionado com as sagas heroicas que inspiram o erudito anglo-saxão J.R.R. Tolkien, a escrever *O Senhor dos Anéis* (CORBETT, 2009, p. 32).

Para Ary Gonzalez Galvão, em seu livro *Beowulf Tradução, Introdução e Notas* (1992), *Beowulf* foi escrito no século XVIII e constitui o poema épico mais antigo e anônimo das línguas modernas da Europa. Historicamente, é o mais grandioso da literatura anglo-saxônica que chegou até os nossos dias. Não fosse pelos méritos literários que inegavelmente possui, seria ainda valioso como grande documento social sobre os ideais de uma raça e de uma nação. Há um único manuscrito datado do ano 1000 e que é parte do *Cottonian Collection* do Museu Britânico. Em 1731, algumas partes do poema foram destruídas e outras, mais tarde, fragmentaram-se. O pesquisador J.R.R. Tolkien copiou o texto do poema de 1786, quando ainda podia ser lido facilmente. Estudou o período histórico, as referências dos nomes dos reis dinamarqueses mencionados na obra e analisou as línguas que

o poeta medieval compôs *Beowulf* por volta do ano 750 na Northumbria. O tradutor e crítico Ary Gonzalez Galvão desenvolve uma análise do texto de acordo com sua visão como se segue:

Esse bardo anônimo evidentemente sabia ler e escrever e conhecia muito bem a vida da corte dos castelos medievais, os códigos rígidos da cavalaria, as lendas e tradições de seu povo, mas talvez fosse também um cristão que tivesse absorvido alguns aspectos dos ensinamentos dos missionários cristãos sem esquecer, porém, que escrevia para uma audiência formada de cavaleiros, nobres grão-senhores, lordes e reis anglo-saxões (GALVÃO, 1992, p. 9-10).

Galvão conjectura ainda que ao simbolizar a força e os ideais de uma raça e de um povo, é provável que as aventuras de *Beowulf* tenham sido narradas em séculos anteriores referindo-se à figura de *Beowulf* – um semideus vagamente lembrado – antes mesmo de os anglo-saxões emigrarem para a Inglaterra através do mar do Norte. Galvão ainda relata que o poema foi intitulado *Beowulf* em 1805 e foi publicado pela primeira vez em 1815, com o total de 3.182 versos.

Em *Beowulf: Monstros e Críticos*, Tolkien (1937), deu sua interpretação cristã sobre a obra. Os estudiosos da literatura medieval anglo-saxã reduziram *Beowulf* a uma obra de menor valor; porém jamais deixando de reconhecer que seu valor poético e nobreza de estilo fossem dignos das maiores honrarias - demasiadamente voltado para temas da "ingenuidade pagã", como se dragões e monstros submarinos, não fossem adequados a uma época em que o cristianismo triunfava sobre os velhos deuses.

Tolkien (2015) assume uma postura censurável ao reduzir a obra a uma tática de guerra do cristianismo, onde os monstros do paganismo eram representados como os sofrimentos enfrentados pelo homem, onde a fé cristã ainda não existia, portanto, deixando a humanidade refém de uma época dominada pelo paganismo vigente.

O poema inteiro corresponde praticamente a um décimo de toda a literatura anglo-saxônica que chegou até aos nossos dias, e é o poema mais longo da literatura em inglês arcaico.

1.2 *Beowulf*: Paganismo X Cristianismo

A lenda de *Beowulf* é um épico do paganismo e é o mais antigo texto de que se têm notícia da literatura anglo-saxônica. Diferentemente do cristianismo, o paganismo germânico e o paganismo escandinavo não possuíam uma teologia sistemática e careciam de conceitos absolutos do Bem e do Mal ou da vida após a

morte. A religião era uma questão de cumprimento e observância corretos de certos sacrifícios, rituais e festejos ao invés de espiritualidade pessoal. Não haviam sacerdotes em período integral; geralmente eram os reis ou chefes de tribos locais que tinham a responsabilidade de conduzir os rituais. Em um ciclo de mitos falavam da criação do mundo e também sobre a destruição. Acreditavam eles que todas as coisas estavam sujeitas aos caprichos do destino, inclusive os deuses, o apocalipse final que destruiria o mundo e que gigantes e demônios destruiriam os deuses.

O Cristianismo dos povos da Escandinávia teve início no século VIII com a chegada dos missionários da Dinamarca; o processo que se consolidou foi posterior ao século XII, pois as velhas tradições pagãs haviam proporcionado segurança e estrutura que passaram a ser ameaçadas por conceitos da Teologia Cristã até então desconhecidas.

1.3 A Lenda de *Beowulf*

De acordo com Borges (2000, p. 50) uma característica singular do poema *Beowulf*, é o ambiente bárbaro e primitivo nada lembrando o ambiente fantástico dos contos de fadas. Trata-se de um ambiente de numerosos detalhes realistas principalmente os que se referem à genealogia dos personagens. Os fatos são fantásticos, porém os personagens parecem reais. Estes são propensos à oratória, eram apreciadores da cortesia, da convivência e das cerimônias. O poema retrata uma época bárbara e violenta.

Beowulf conta a história de um monstro horrível chamado Grendel que oprime o reino escandinavo do Rei Hrothgar. Grendel é descrito contendo a forma humana, porém gigantesca. É um ogro, um ser inculturado, pertence à antiga mitologia germânica, porém como o poeta é cristão, decidiu vinculá-lo à tradição cristã e não à pagã. O poeta refere-se à mãe de Grendel como “a feiticeira do mar” ou “loba do mar”; mãe e filho residem no fundo de uma caverna tão profunda que leva dia de nado para se chegar ao destino (IDEM, 2000, p. 52).

Figura 01 – *Beowulf*, interpretado por Ray Winstone.



Fonte: Internet³

Há tormentas também, as quais fazem com que essa caverna seja parcialmente marítima, e há uma descrição das selvas que rodeiam a caverna. Dizem que os cervos temiam aproximar-se daquele lugar, pois poderiam encontrar tempestades, neblina e solidão um ambiente de horror sagrado. O poema, segundo os eruditos está repleto de sentimento pela natureza devido aos princípios preconizados no século VIII. Este sentimento tardou muito para surgir em outras literaturas.

Na literatura espanhola, por exemplo, Dom Quixote traz paisagens de riachos como uma novela italiana. Em *Beowulf* o sentimento da natureza é algo terrível, hostil aos homens com o sentimento da noite e da escuridão como algo terrível; certamente o mesmo ocorreu para os saxões que haviam se estabelecido em um país desconhecido cuja geografia foram descobrindo à medida que iam conquistando o país.

Pode-se afirmar com segurança que os primeiros invasores germânicos não tinham uma noção muito precisa da Inglaterra.

O sentimento da noite e da obscuridade é tratado como algo terrível.

O reino de Hrothgar foi atacado por Grendel que se sentiu incomodado e furioso pelo som da harpa dos músicos de Hrothgar durante um festejo. Grendel enfurecido atacou o castelo. Hrothgar orou aos seus deuses pedindo ajuda a Odin e Thor e outros deuses. O poeta nos adverte que todas as suas orações foram inúteis. Os deuses não tinham poder algum contra o monstro. E assim doze anos se passaram e a cada noite o ogro devorava um dos cavaleiros. As notícias sobre os ataques se espalharam, mas o ogro era gigantesco e invulnerável às armas.

³ Disponível em: <http://content.internetvideoarchive.com/content/photos/1052/586030_075.jpg>. Acessado em 13 de Novembro de 2016.

Figura 02 – Grendel, pôster do longa metragem *Beowulf* (2007).



Fonte:Internet⁴

O príncipe Beowulf e seu grupo de nobres guerreiros deixaram a Suécia e partiram para a Dinamarca. *Beowulf* venceu Grendel, descendente do Caim bíblico. O ogro atacava o reino e se escondia no pântano. Beowulf tinha uma força de dar inveja aos homens pelo seu grande vigor.

O poema principia com Beowulf, o príncipe sueco que corre em auxílio ao rei da Dinamarca, cujo país estava sob ameaça do monstro Grendel. Após um combate, Beowulf segue o monstro ferido em sua toca no pântano onde ele encontra e luta com a terrível mãe do monstro, não nomeada no texto. Com seus companheiros, Beowulf derrota Grendel. Posteriormente, a mãe de Grendel, tenta vingar a morte do filho.

Beowulf torna-se rei e depois de reinar em paz por cinquenta anos no país, trava sua última batalha contra o dragão (seu filho) que aterroriza seu reino. Embora consiga derrotá-lo, Beowulf sela sua vitória com a própria morte.

Neste capítulo apresentamos as Teorias e reflexões sobre o épico Beowulf, considerações sobre cristianismo x paganismo e a lenda de Beowulf. No próximo capítulo apresentaremos os valores éticos do herói Beowulf no poema e a versão fílmica.

⁴ Disponível em:

<<http://vignette4.wikia.nocookie.net/monster/images/9/9a/Grendel2.jpg/revision/latest?cb=20130211140557>>. Acessado em 13 de Novembro de 2016.

CAPÍTULO II - OS VALORES ÉTICOS DE *BEOWULF* NO POEMA E A VERSÃO FÍLMICA

Iniciamos este capítulo com a definição do conceito de ética e moral. Ética deriva do grego *Ethos* (caráter, modo de ser de uma pessoa). Trata-se de um conjunto de valores morais e princípios que norteiam o bom funcionamento social. Moral é o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade.

O tema principal do poema gira em torno da lealdade. O herói épico serve para traçar as características boas e ruins dentro da sociedade na qual está inserido. Em *Beowulf* é exemplificada uma sociedade guerreira e aristocrática, sendo a lealdade uma de suas virtudes.

O herói enfrenta os inimigos em nível de igualdade, no confronto contra Grendel ele tira sua armadura e pede que guardem sua espada, pois o inimigo não usa nenhum desses equipamentos bélicos. Essa igualdade se torna necessária para a luta ser justa, pois somente em uma batalha de condições iguais é que pode haver glória, só assim a coragem pode ser medida. O herói confia que seu destino é vencer a criatura.

No poema *Beowulf*, identificam-se vários traços de caráter que definem o herói escandinavo, tais como: a lealdade, força física, coragem, a sagacidade, a cortesia e acima de tudo o comprometimento em salvar um povo. Por outro lado, a título de exemplo, os gregos buscavam em seus heróis direcionamento para o divino, comportamento que pode ser observado nos Trabalhos de Hércules e em Édipo Rei.

Tanto ao rei quanto aos companheiros de batalha, a lealdade é algo honroso e por isso glorificador. Ao lutar contra o Dragão, os nobres escolhidos por Beowulf fogem, quebrando o laço de lealdade e por isso são duramente criticados por Wiglaf que permaneceu ao lado do seu rei até a sua morte.

O filme, conforme relato dos produtores, foi baseado no poema escrito nos séculos VIII e IX e conservado por um monge numa abadia da Inglaterra; e não na versão original - ricamente pagã - aquela dos menestréis que cantam os grandes feitos de um Beowulf já idoso. É possível que Neil Gaiman, não tenha interpretado corretamente o poema, pois a obra é claramente voltada ao modelo cristão, contrastando ao pagão.

Outra divergência entre roteiro e poema, são as frequentes menções ao

cristianismo as quais mencionamos anteriormente: quando dos feitos de *Beowulf*, o cristianismo ainda não havia sido introduzido na maioria dos reinos escandinavos, especialmente na Dinamarca.

O poema foi composto com o objetivo de auxiliar os pregadores que convertiam os povos pagãos da antiguidade, fazendo com que compreendessem a mensagem cristã através da relação sincrética entre as duas religiões. Era como um quadro, com a mesma pintura, porém com uma moldura diferente. Os líderes cristãos da época sabiam que não conseguiriam extirpar as crenças e práticas dedicadas aos deuses e heróis do Paganismo tão facilmente.

Embora artisticamente, na visão literária, o resultado final seja magnífico, a versão foi alterada ao bel-prazer dos pregadores do Cristianismo da época, que tentaram fazer de *Beowulf* - uma figura pagã das tribos germânicas - um herói do Cristianismo, carregado com suas máculas e sua moralidade "torta" para nossos padrões.

Em todo o poema, os interesses do herói são direcionados a salvar uma nação que se encontra sob ameaça de Grendel e sua mãe. Posteriormente o herói tem um envolvimento com a mãe de Grendel e o resultado é o nascimento de um dragão, anos depois dá início uma grande batalha com a morte de Beowulf.

Quando o ator Ray Winstone assumiu o papel do antigo guerreiro Beowulf no filme, ele estava trazendo à tela do cinema um dos mais antigos e duráveis poemas da literatura em língua inglesa.

O sucesso de bilheteria traz em seu elenco também o ator Anthony Hopkins e Angelina Jolie, na mais recente versão do velho poema inglês. No texto original *Beowulf* luta contra Grendel, segue o monstro até a sua toca e entra em luta corporal com a mãe do monstro.

Na versão fílmica o monstro na verdade é uma belíssima mulher, poderosa e sedutora, por quem Beowulf se apaixona imediatamente e esse encontro dará origem a outro ser, o dragão. O filme reflete a época violenta em que foi escrito, cheio de sangrentas batalhas, em que os valores mais estimados são a [honra](#), a [coragem](#) e [fortaleza](#). O filme mostra a decadência do rei e seu envolvimento com uma jovem do seu reino que toma o lugar da velha rainha, tanto no coração de Hrothgar quanto de sua alcova (CORBETT, 2009).

A produção fílmica retoma o poema em algumas cenas ricamente pagãs, como o surgimento de Grendel e de sua poderosa mãe. Os menestréis cantam os grandes feitos de um *Beowulf* já idoso.

Voltando ao filme, a visão "pagã" dos roteiristas não corresponde ao real teor

pagão do texto literário. Hrothgar aparece na maioria das vezes imbecilizado devido ao excesso de bebidas alcoólicas, criando uma imagem oposta ao respeitável rei do poema original.

O filme transmite emoção, é empolgante com os efeitos especiais e a beleza da protagonista, a excelente direção de arte e animação gráfica cuidadosa.

Muitos filmes foram derivados do tema Grendel. Nos anos 1950 a produção fílmica *O monstro de Caim* cujo título refere-se ao notório ancestral de Grendel, Caim, o primeiro assassino da bíblia. A concepção da história foi recontada pelo novelista John Gardiner e pelo escritor Michael Crichton, que tomou o poema como base de um de seus romances, *Eaters of the Dead*, por sua vez o romance foi levado ao cinema com o título *The Thirteenth Warrior*, estrelado por Antonio Banderas. Christopher Lambert estrelou em uma versão de ficção científica da história e Gerard Butler fez o papel principal em outra versão fílmica na Islândia, *Beowulf and Grendel*; além dos filmes o mito do Beowulf está presente e um episódio da série *Star Trek: Voyager* (*‘Heroes and Villains’*).

Neste capítulo apresentamos os valores éticos do herói Beowulf e considerações sobre sua versão cinematográfica. No próximo capítulo apresentaremos a análise de fragmentos do poema épico Beowulf.

CAPÍTULO III - O POEMA *BEOWULF* EM ANÁLISE

De acordo com a análise desenvolvida por Galvão (1992) o poema tem início apresentando-nos a situação angustiante que o rei Hrothgar e seus cavaleiros sofrem com os constantes ataques de Grendel ao grande salão de festas do castelo dos dinamarqueses chamado Heorot. Outrora o espaço era paz, alegria, confraternização ao lado de um rei generoso e justo. Agora, com os ataques cruéis de Grendel tudo se transformou em total caos e desordem. Seleccionamos o verso inicial do poema para análise (GALVÃO, 1992, p. 13-14).

O primeiro trecho da análise trata da chegada do monstro Grendel logo após o banquete oferecido pelo rei Hrothgar a seus nobres cavaleiros, que ficam embriagados e adormecem felizes. O monstro selvagem mata e devora trinta valentes cavaleiros do rei Hrothgar, carrega partes da carnificina para seu covil situado nos pântanos. Grendel, após esse feito, reina soberano por doze anos sempre acompanhados por sua exacerbada crueldade, sempre ataca o salão de festas da corte, sem discriminar jovens ou idosos de sua ira assassina. Grendel não possui limites em sua maldade (GALVÃO, 1992, pg. 56-61):

Verso 790

*Então o herói deitou-se, recostando a cabeça
num coxim confortavelmente;*

*À sua volta ressoavam seus companheiros-do-mar; nenhum pensava que
dali jamais partisse de volta à pátria ou veria seu querido povo outra vez ,
mas sabiam todos que a morte já levava muitos dinamarqueses daquele
Palácio-de-festas;*

*De dentro da noite surgiu o monstro
E aproximando-se de do castelo Heorot, espreitava
Grupos de dinamarqueses que lá dormiam
Languidamente, exangues depois das grandes
Festas – todos de seus infortúnios e tristezas esquecidos.
O ser da destruição, sombrio e sôfrego .
Selvagem e feroz, de um só golpe trinta
Cavaleiros capturou ele e consigo carregou a fora
Até seu covil nos pântanos, triunfantes os
Restos da carnificina.*

*E Grendel reinou impunemente por doze invernos,
Atacando o grande salão construído a mando de Hrothgar
O mais imponente de todos jamais visto
Pelos homens, um palácio condigno de sua
Fama, e lá pudesse oferecer a jovens e velhos
O que Deus lhes reservasse, menos a leis
Dos homens e o reinado que reinava.*

Beowulf, é um dos súditos do rei Hygelac, toma conhecimento das

atrocidades do monstro e toma a decisão de combater o monstro Grendel. Nada o dissuade de sua empreitada, sabe que é um príncipe nobre, valoroso e um grande guerreiro. Reúne seus subordinados e todos enfrentam os desafios com alegria de servir ao príncipe; eles nada temem (GALVÃO, 1992, p.14):

E então dos súditos de Hygelac, em seu País, valoroso guerreiro entre os geats, dos Ataques de Grendel veio a saber; forte ele era – O mais resoluto e poderoso. E disse: “Preparem Uma embarcação”, ordenou esse garboso guerreiro Estava decidido a singrar pelos caminhos-do-cisne Ao encalço do príncipe, renomado rei, e Oferecer-lhe a ajuda que precisava. Os sábios Pouco puderam dizer para dissuadi-lo de tal Odisséia, apesar de muito amá-lo.

Beowulf nutre grande respeito e orgulho pelos códigos de honra e apresenta todo o esplendor de um herói que transcende os limites do mar revoltado da Escandinávia. Acredita que é seu dever ajudar o rei Hrothgar a livrar-se do monstro Grendel (GALVÃO, 1992, p. 15):

Eis que chegara a hora! A embarcação Singrava agora sobre as ondas. Garbosos Guerreiros, eretos e orgulhosos, postavam-se Na proa da nave; em baixo, espuma salpicava Sacudindo o mar contra a areia: os guerreiros, Felizes, estocavam as armas – armaduras e Apetrechos de guerra – esplendorosos no seio Da embarcação; vigorosamente viajaram mar à fora; a nave, firme e forte, sobre as ondas pelos ventos levada, lá se foi como um pássaro em pleno voo, o barco de espuma rodeado. Um dia inteiro singrou a nave mar à fora A proa pomposamente empinada – o sol a pino no segundo Dia – até que os guerreiros terra firme avistaram – Penhascos escarpados, promontórios reluzentes, Fronteiras do além – mar e encontraram uma enseada, E a viagem pôs-se ao fim. Ansiosamente os geats Desembarcaram e caminharam praia a fora; ancoraram Primeiro a pesada madeira-do-mar; suas armaduras Retiniam resplandecentes – deslumbrantes vestes De guerra!

Verso 800

Mas Deus decidira dar ao povo dos geats êxito, vitória, proteção contra o inimigo que todos venceriam pela força De um homem desarmado. Assim tem o Senhor Traçado a vida da raça dos homens desde os primórdios Furtivamente movendo-se nas sombras Da noite, Surgiu o íncubo inimigo, sorrateiro E solitário. Dormiam todos os guerreiros Cujas missões eram a de guardar Heorot – o salão adornado de chifres; todos ,

menos um. Sabiam que sem a vontade de Deus o demônio não os

Verso 810

levaria para as sombras. E somente um homem, atento, mantinha a vigília. Esperava seu coração inflando-se de ódio contra o inimigo. O ordálio e prova de uma luta!

Descendo dos penhascos peçonhentos; chegava dos pântanos nevoentos, rastejando, Grendel – o estigma da maldição de Deus no mundo. O destruidor decidira arrebatá-lo de Heorot alguns seres da raça humana. E chegou escondendo-se entre as sombras das nuvens e, finalmente, avistou lúgubre,

Verso 820

o salão dourado, o Palácio-de-Festas.

as portas gravadas com lâminas de ouro

Não era a primeira vez que assaltara o castelo de Hrothgar, mas nunca antes encontrou e jamais encontraria homens tão fortes como aqueles. E a infeliz criatura arrastou-se até Heorot, oculta, mas condenada à agonia; o sempiterno portal logo se deu – mesmo fortalecido com ferro – ao toque daquelas garras; inflamado de ódio abominável decidido destruir, rasgou em dois os umbrais de Heorot.

Verso 830

Apresentando-se, atroz inimigo pisou no solo

imaculado e feroz, avançava; de seus olhos ignívomos chama lúgubre expelia; viu então no imponente átrio um grupo de jovens guerreiros adormecidos, belos e impubescentes companheiros –

Todos grandes e bravos companheiros; seu coração então exultava – horrível monstro – sedento da carnificina andrófaga. E desejou devorar cada corpo adormecido à sua frente antes de o dia raiar; mas seu destino era bem outro, pois

Verso 840

nunca mais de carne humana haveria de pastar;

e o súdito de Hygelac atento observava como o traiçoeiro exterminador iria atacar; Grendel, rápido, agarrou com suas garras um belo jovem guerreiro sonolento, selvagemmente o dilacerou, quebrando-lhe os ossos, deglutiou poças escarnadas sugou o sangue das veias e logo o devorou todo, da cabeça aos pés, goela adentro. Então virou-se para o destemido guerreiro que calmamente descansava esticou suas garras para alcançá-lo.

Verso 850

Mas o herói, mais rápido

com sua hercúlea mão, apertou firme a manopla do monstro. O maligno sentiu-se nunca antes havia encontrado força maior: seu coração pulsou em pânico, e quis logo à escuridão voltar, à horda de umbráticos ímpios – sofria agora o que nunca lhe havia acontecido antes. Então, o bravo súdito Hygelac lembrou-se de sua promessa, e agora, de pé, firme e forte fincou com força seus dedos, apertando

Verso 860

tenazmente as garras de Grendel; o monstro retorcia-se em fuga; o herói avançava aproximando-se; louco o monstro se debatia. Querendo correr de volta ao seu covil; mas sentia sua força triturada pelo golpe do herói. Esse ataque lhe fora bem doloroso?

O barulho dos bancos que se quebravam em Heorot assustou os homens da guarda como augúrios de morte. E os dois, numa luta titânica continuavam, e no palácio inteiro

Verso 870

ecoavam os entrecosques; foi mesmo um milagre Heorot suportar luta tão tenaz,
mas o átrio dos dinamarqueses erguesse soberbo ereto de anéis de ferro, aguentando firme os golpes dos combatentes; os bancos, trabalhados com figuras de ouro – assim conta a história – voaram do solo na sinistra contenda; nenhum dinamarquês tinha jamais imaginado antes que um ser da raça humana

Verso 880

pudesse destruir Augusto Átrio ornado de chifres, a não ser as chamas do fogo; e o terror tomou conta de todos que ouviam, estridentes e angustiantes, os gritos, gemidos, e uivos dilacerantes de Grendel – o inimigo de Deus – que vinham de Heorot. Beowulf, implacável, não largava o monstro; com sua força formidável prendia – o mais poderoso dos heróis! Em verdade, digo que Beowulf não o deixaria vivo; à volta do

Verso 890

querido príncipe, seus guerreiros
floreavam as espadas em sua direção – o glorioso Senhor dos Geats! Não sabiam, aqueles que ansiosos estavam em combater lado a lado com seu Príncipe, e Grendel abater, que nenhuma sob os céus do mundo, mesmo a do mais puro aço, poderia jamais ferir o monstro! Feitiço tinha Grendel contra qualquer lâmina.

Verso 900

Chegado foi seu dia, condenado estava aquele demônio; e sua alma se juntou ao monturo de monstros. E o monstro que só vivia da maldade e rancor pela raça humana – o inimigo de Deus – percebeu que suas forças faltavam. O destemido descendente de Hygelac tinha o tenazmente preso pela mão; e cada um odiava o hálito do outro.
Uma brecha abriu-se no ombro de Grendel; os músculos pularam para fora e

Verso 910

as juntas, estalando, partiram-se.
Beowulf a vitória foi dada e Grendel partiu para seu covil nos pântanos sombrios e paus: seus dias estavam contados! E todos os dinamarqueses viram suas esperanças renovadas nessa luta nefasta. Beowulf purgara Heorot. Ele que viera de tão longe, impávido e intrépido, salvara o sagrado santuário Heorot da destruição e satisfeito estava Beowulf com o feito

Verso 920

daquela noite diante de todos os dinamarqueses
cumprira sua promessa: terminara com a tristeza de todos, a ameaça do Mal sob cujo julgo tanto tinham sofrido. E como símbolo – insígnia justa de sua vitória – pendurou a garra de Grendel, o braço e o ombro – todo o membro macerado – o grande golpe de Beowulf bem alto no teto por baixo da cumeira.

E ouvi dizer que na manhã seguinte um grande grupo de pessoas se formou no pátio do palco, e todos lá puderam ver aquele macabro milagre. Pelos caminhos e estradas muitos clãs caminharam léguas de longe, cavaleiros e companheiros, para juntos verem as pegadas do inimigo; posso honestamente afirmar que ninguém sentiu pena – aqueles que seguiram surpresos as pegadas do monstro na sua celerada e cega fuga. Grendel, esvaindo-se

Verso 940

em sangue, cambaleando em cada poça de sangue, sua vida foi se acabando. Condenado, mergulhou fundo no lago dos monstros; as águas turvas se agitaram avermelhando-se, borbulhando baba peçonhenta; sangue quente fervilhava, turbido poço putrívono de coágulo pestilento.

Grendel mergulhara para a morte; terminara seus dias miseravelmente nas profundezas do lago; sua alma pagã se

Verso 950
 apagou; o inferno o recebeu para sempre.
 Orgulha-te desta jóia e deleita-te com
 Este manto a ti oferecidos dos nossos
 Tesouros, dileto de Beowulf! Que te tragam
 Felicidade e fama eternas e que possas
 Florescer na tua juventude! Proclama a
 Tua força; quando aconselhares êsses
 Jovens, sê um gentil guardião, pois manifesta
 Será eternamente a minha gratidão. Tua glória
 Já corre o orbe; os homens te honrarão
 Para sempre até aos penhascos nas orlas
 Do mundo banhadas pelos oceanos – as fronteiras
 Dos ventos.

Mas a vingança não se faz esperar, e a mãe de Grendel logo se dirige a Heorot para vingar a morte do filho. A figura abominável de Grendel, a força e a luz que emana de seus olhos e seu canibalismo transmite ao poema a atmosfera do fantástico, em contraste com o mundo civilizado dos cavaleiros em Heorot. Grendel é proveniente do Mal, vive nos pântanos onde se desenvolve outros monstros; ou seja, vive na periferia do mundo, longe da civilização e dos seres humanos. Na visão dos dinamarqueses Grendel é descendente de Caim, o amaldiçoado por Deus.

Após a grande luta com Grendel, a vitória recai sobre o grande herói dos geats. Grendel volta ao pântano mortalmente ferido. Como símbolo de sua vitória, *Beowulf* pendura a garra de Grendel, o braço e o ombro – todo o membro macerado, o grande golpe do herói – bem alto no teto pra baixo da cumeeira de Heorot – o Palácio-de-Festas do povo dinamarquês.

Assim termina a primeira parte do poema. Tudo é festa, alegria e regozijo outra vez em Heorot. Hrothgar distribui anéis em reconhecimento do grande feito. Momentaneamente a ordem é restaurada pelo herói-salvador, e todos podem descansar sem medo das atrocidades de Grendel (GALVÃO, 1992, p. 17-18).

Como ato de gratidão a Rainha Wealhtheow, oferece bebida a todos. Mulso e hidromel, particularmente em honra mais uma vez da presença de Beowulf em Heorot, dando-lhe dádivas valiosíssimas (GALVÃO, 1992, p.18). Após a vitória sobre Grendel, a glória de Beowulf corre mundo afora; todos concordam que sob os céus, entre os mares – do sul e do norte – sob toda a extensão da Terra, Beowulf é o melhor guerreiro, no combate e no manejo com a espada.

Anos depois o rei Hrothgar falece e então o reino é liderado por *Beowulf* que reina por cinquenta invernos, até que das trevas da noite surge um dragão e uma grande devastação se inicia. O dragão é o guardião de um tesouro e quando está

adormecido, nota que o graal de ouro havia desaparecido, fato que enfurece a mãe do monstro que é a serpente-satã. O autor do furto é um escravo de um dos guerreiros, busca abrigar-se quando adentra na caverna.

O horror e a devastação esperam os homens daquele país quando o dragão vomitando fogo em chamas chacina tudo e todos, incendiando casas e vilas. O próprio palácio de Beowulf é devastado pelas chamas. Os nobres acreditam que o fim de Beowulf chega neste mundo transitório. Embora Beowulf fosse vencedor de muitas batalhas em sua juventude, reconhece que no final da vida que a idade já o alcança, mesmo assim decide enfrentar o demônio destruidor. Sua última fala aos seus valorosos guerreiros foi: “Decidi não usar armas contra essa serpente – se soubesse como atacá-la e dominá-la como fiz com Grendel...”. Retornamos nesta etapa ao texto traduzido (GALVÃO, 1992, p.116-134):

Verso 2554

*E o grande herói lá estava, ereto, com seu
Elmo e escudo; e desceu até o sopé do penhasco _
Poderoso herói no caminho dos corajosos! Então,
Beowulf, o herói de tantas e terríveis batalhas,
Vencedor de embates e conflitos cruéis, viu na
Gruta uma abertura em arco de onde saíam jatos*

Verso 2560

*De fogo, uma corrente de chamas e chispas mortais;
Logo percebeu que não poderia chegar perto do
Tesouro e não ser torrado pelas línguas de fogo
Do dragão. Irado, o príncipe, dos geats lançou um
Portentoso urro do peito, rugindo de dentro do
Coração: como a trompa no campo de batalha, seu
Grito ecoou, terrível, través das paredes
De pedra da caverna: a ira tomara-lhe o corpo.
Retas e certeiras, as chamas do dragão esguichavam
Sibilando sinistras em golfadas de fogo feroz e*

Verso 2570

*Voraz; os estrondos retumbavam pelo chão.
Beowulf sentia o gosto da derrota; não mais
Se vangloriava, o grande guerreiro do geats,
Agora que aquela esplêndida espada o traía;
Aquele lâmina bem temperada não deveria falhar;
Aquele não fora um grande feito; Beowulf deveria
Não mais habitar a Terra mas ir morar num outro
Lugar __ como um dia acontece com todos os homens.
E a luta continuou; a serpente renovou
O ataque; das mandíbulas jorrava fogo: Beowulf
Foi envolvido pelo fogo, e profunda dor sentiu*

Verso 2600

*Dentro do corpo. Seus corajosos cavaleiros
Não vieram em seu auxílio __ como assim manda a
Lei dos campos de batalha: correram para a
Floresta e salvaram suas vidas.*

Verso 2877

*“ O senhor dos geats lá jaz no leito de morte, o
Líder dos weathers, nosso nobre provedor, já
Se encontra na última morada, morto pelas
Peçonhas do dragão; ao seu lado, estirado no chão,
Golpeado que foi à faca, lá está o inimigo...”*

Verso 2977

*E Beowulf desabotoou o colar do pescoço,
Coração puro aquele do príncipe, e o ofereceu
Ao jovem com o elmo revestido de ouro, a armadura
E o toque; e pediu-lhe que os honrasse: “És o
Último dos homens de nossa cepa __ a dinastia dos
Waymungings! O destino ceifou cada um da minha
Família, cada cavaleiro na sua coragem; devo
Agora segui-los”.*

Verso 3089

*E então os geats erigiram uma enorme pira;
E lá estavam pendurados flamejantes elmos, cotas
De malha, corseletes e escudos, como assim ordenou
Beowulf; e então no topo colocaram o corpo do grande
Herói – aquele bem-amado guerreiro; e atearam fogo,
Tristes, entre lamentos e lamúrias. E uma fumaça
Negra se desprende do fogo em chamas fulgurantes
E se espelhou misturando-se ao choro – o pranto do
Povo que padecia. O vento parou enquanto o calor do
Fogo consumia a câmara-de-ossos. E todos, pesarosos,
Proferiram aos céus a dor profunda que sentiam com a
A Morte do grande mestre.*

Como ficou evidente nos últimos versos apresentados acima, o valoroso *Beowulf* encerra seus dias na terra e seus cavaleiros erigiram uma enorme pira em que estavam pendurados elmos cotas de malha, corseletes e escudos de acordo com as ordens de Beowulf. Seu corpo é colocado sob a pira e o fogo ateadado entre lamentos e lamurias. Posteriormente, o povo dos geats constroem para Beowulf um baluarte para que os viajantes pudessem vê-lo de longe. Os doze guerreiros cavalgaram em volta dos monumentos – todos os filhos de nobres guerreiros. Recitam lamentações sobre a morte do grande mestre e sentem pesar do grande rei que parte. Concorda que Beowulf foi o homem mais bondoso, gentil e generoso com seu povo.

Nesse capítulo apresentamos a análise de fragmentos do poema épico *Beowulf*. Apresentaremos a seguir as considerações finais sobre a presente pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi apresentar o poema épico Beowulf situado na Literatura Inglesa e qualificado por Borges como “uma *Eneida* germânica, já que o autor tomou uma antiga lenda germânica e com ela fez uma epopeia seguindo as normas sintáticas latinas” (BORGES, 2000, p. 44). O poeta era cristão mas não havia esquecido ainda as lendas e os mitos do passado; portanto, seu mundo é o da vida palaciana, das cortes, dos grandes cavaleiros e guerreiros com suas leis e códigos rígidos de lealdade à figura semidivina do rei, protetor de seus cavaleiros, os quais lutavam e morriam pelo seu monarca.

No poema há uma batalha constante entre o Bem e o Mal. E isso se caracteriza nas figuras do dragão, Grendel e Beowulf.

Em todo o poema, os interesses do herói são direcionados a salvar uma nação que se encontra sob ameaças de Grendel e sua mãe, logo após os seguidos ataques do dragão ao castelo de Heorot. Naquele momento nunca foi a intenção de Beowulf suceder ao trono, mas sim defender o país.

Como vimos, o tema principal do poema versa sobre a lealdade dos cavaleiros. O herói épico serviu para traçar as características boas e más dentro da sociedade da época. O poema Beowulf exemplifica uma sociedade em que os nobres são guerreiros e suas virtudes éticas. O herói enfrenta os inimigos em nível de igualdade, como no confronto contra Grendel. Nesse confronto, o herói retira a sua armadura e pede que guardem sua espada, pois o inimigo dispensa qualquer equipamento bélico. Essa igualdade é necessária em uma luta justa. No campo de batalha, apenas condições semelhantes entre oponentes podem levar à glória e a coragem pode ser medida.

Tanto ao rei quanto aos companheiros de batalha, a lealdade é algo honroso e por isso glorificante. Quando ao lutar contra o Dragão, os nobres escolhidos por Beowulf fogem quebrando o laço de lealdade e por isso são duramente criticados por Wiglaf, que permaneceu ao lado do seu rei até a morte do príncipe dos *geats*..

Não posso deixar de mencionar a reflexão feita pelo crítico australiano Bruce Mitchell: “numa era nuclear onde o homem se mostra desumano consigo mesmo diariamente e em todos os sentidos [...] pode-se concordar que *Beowulf* seja nada mais que a afirmação dos valores primordiais do homem e de uma vida digna e feliz” (GALVÃO, 1992).

Esse estudo conduz a outras reflexões, como por exemplo, a figura emblemática de outros heróis, Ulisses de Odisséia, Eneias na Eneida. Outros estudos poderão ser realizados no que diz respeito às diversas produções fílmicas e séries televisivas. Outra discussão a ser feita, sobre o Santo Graal e os cavaleiros do Rei Arthur.

Para concluir este estudo reflito que, atualmente, o egoísmo predomina no caráter das pessoas que deixam serem levadas pelos interesses que beneficiam a si próprias. Estamos atravessando tempos em que os seres humanos são desrespeitados, submetidos aos horrores do preconceito religioso e racial, migrantes sem destino e enfrentando o ostracismo diário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, J. L. **Curso de Literatura Inglesa em la Universidad de Buenos Aires**. Buenos Aires: Emecé S. A. , 2000.
- BURGESS, A. **English Literature**. London: Longman Publishing Group, 1974.
- CORBETT, J. **32- New Roule**. São Paulo: Disal, 2009.
- _____. **A Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 1996.
- GALVÃO, A. G. **Beowulf**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- HOUGH, C.; CORBETT, J. **Beginning Old English**. New York: Palgrave MacMillan, 2007.
- KLANTAN, D. Os dois olhos do Dragão: uma análise de Beowulf a partir de Tolkien e Borges. **Ciberteologia** – Revista de Teologia e Cultura. Ano VII, N.33.
- MITCHELL, B.; ROBINSON, F. C. **Beowulf: An Edition**. Wiley-Blackwell, 1998.
- OLIVEIRA, J. B. **Paganismo e Cristianismo em Beowulf**. 2010.
- TOLKIEN, J. R. R. **Beowulf, uma tradução comentada**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.